

A MIMесе E A MAGIA DE NAUFRÁGIOS NA LITERATURA

Elvira Reis/ Włodzimierz J. Szymank

Universidade Jean Piaget de Cabo Verde

Caixa Postal 775, Praia, Cabo Verde

(238) 2609000 | info@cv.unipiaget.org

Resumo: As Ilhas Atlânticas são um lugar fértil no imaginário universal, mas ainda relativamente pouco explorado pelos investigadores da cultura.

Palavras – chave: Ilhas Atlânticas, imaginário universal, cultura.

Abstract: The Atlantic Islands are a breeding place in the universal imagination, but still relatively unexplored by researchers of culture.

Key - words: Atlantic Islands, universal imaginary, culture.

A mimese e a magia de naufrágios na literatura

As profundezas do mar, desde sempre, fertilizaram o imaginário, provocando as hipóteses mais fantásticas. Seguramente, o carácter misterioso e impenetrável dos abismos oceânicos contribuía para criação de um valor de interesse acrescentado quer para os seres marinhos, muitas vezes vistos como monstros, quer para objetos antigos perdidos no fundo, por um lado deteriorados pelas águas, mas, por outro, protegidos contra olhares curiosos e mãos vandálicas.

E, enquanto uma embarcação velha e deteriorada apresenta um cenário desolado e triste em terra firme, no fundo do mar, na luz ténue e dispersa, ganha outra dimensão estética. Uma vez afundada, devido ao corte da perspectiva nas águas turvas, rara vez uma nave pode ser contemplada na íntegra, e geralmente só oferece ângulos parciais, metonímicos que contribuem para criação de cenários de mistério e de abandono. Em consequência, a informação visual incompleta estimula a imaginação e faz-nos pensar nos fantasmas do passado que povoam o porão impenetrável, vigiando o acesso para a arca de tesouro que jaz no fundo com ouro e esmeraldas. Até a palavra portuguesa *naufrágio*, proveniente da expressão latina *navifragium* ‘quebra do navio’, contém uma tensão dramática arrepiante. Em consequência, não é surpreendente que antigamente os sobreviventes de alguma embarcação naufragada fossem vistos, muitas vezes, como pessoas marcadas pelo contacto com a fronteira do mundo *além*, quer dizer já irreversivelmente diferentes dos outros mortais. Também o poeta Charles Baudelaire, que em 1841 passou pelo arquipélago de Cabo Verde, intitulou *Feuilles Épaves* (‘folhas naufragadas’) um conjunto de poemas de classificação difícil e construídos através de metáforas inesperadas de amor e da morte, versos inspirados, claramente, pela longa viagem marítima do poeta até às ilhas Maurícias e Reunião no oceano Índico. Podemos acrescentar que a palavra francesa *épave* vem do latim *expavidus* (adjetivo derivado de *pavor*) para designar aquele que se afasta por causa do medo, ou aquele que age movido pelo pavor. Ainda, vale a pena notar que *pavor* em latim se referia não só ao medo, à ansiedade, mas também à esperança minada pelas incertezas. Sem dúvida, os barcos naufragados, durante séculos, têm sido objeto de interesse que atrai a atenção de escritores, pintores

românticos, mas também aventureiros e buscadores de tesouros. No século XX apareceu, também, a categoria de *wreck-hunters*, ou “arqueólogos furtivos”, interessados unicamente na recuperação de objetos materiais da nave afundada para a venda no mercado negro de antiguidades, velharias, ou simplesmente a preço de sucata. Enquanto a arqueologia naval moderna se interessa mais pela inventariação e pela descrição do património subaquático, relacionando a cultura material com as fontes documentais ou com tradições de tecnologia e de vivência marítimas, geralmente, além de trabalhos de prospeção submarina, estudam-se mapas antigos, diários de bordo, relatos históricos, testemunhos das populações locais, etc. As análises realizadas por arqueólogos submarinos permitem-nos não só conhecer a tecnologia naval antiga, mas também descobrir os pormenores da vida das tripulações e o tipo de mercadorias transportadas, além de reexaminar as rotas marítimas antigas.

Ilhas misteriosas do Atlântico

Podemos acrescentar que as Ilhas Atlânticas são um lugar fértil no imaginário universal¹, mas ainda relativamente pouco explorado pelos investigadores da cultura. Como apontou Vitorino Magalhães Godinho² (2007: 256- 281) os navegadores antigos conheciam bem o Mediterrâneo (*Mare Nostrum*), mas ignoravam e temiam o Atlântico. O mesmo autor aponta, também, erros grosseiros na situação das ilhas atlânticas nos mapas. Tudo isso estimulava a imaginação que evocava as ilhas como refúgio ou como um lugar rico em surpresas. Em consequência, a literatura e as belas artes oferecem-nos vários exemplos e motivos que estimulam a nossa imaginação. Basta citar a *Macarise ou la Reine des Isles Fortunées* de l’abbé d’Aubignac (1664), ou Robert Louis Stevenson (1883) que situou a ação do romance *A ilha do Tesouro* (ing. *Treasure Island*) na ilha Roume do Arquipélago de Los em Guiné Conakry. Igualmente inspirador é o *Naufrágio da Meduse*, imortalizado em 1818 pelo pintor romântico Théodore Géricault, que também aconteceu não muito longe de Cabo Verde. Na tradição da literatura cabo-verdiana podemos citar *Ilha Fantástica* de Germano Almeida (1994) como exemplo de manifestação do

¹ Cf. Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Teorema, 1994, p. 374.

² Vitorino Magalhães Godinho, *A Expansão Quatrocentista Portuguesa*, Lisboa, Dom Quixote, 2008, pp. 256-281.

mesmo mito. No caso da ilha de Santiago, poucos se lembram de que Júlio Verne colocou *ville de Praia* e *île de Saint Jacques* na rota do veleiro Duncan do romance *Filhos de Capitão Grant* (1868). Mais, Júlio Verne fala de um recife coralífero perto do porto da *Praia*, que realmente existe e até a profundidade do recife coincide com a descrição do escritor francês (sic!). A principal vantagem das viagens em África consiste na possibilidade de descobrir surpresas ainda não banalizadas pelo turismo de massas. Como apontou Charles Emanuel d'Oliveira no livro *Cabo Verde na rota dos naufrágios*³, Cabo Verde foi palco de vários naufrágios, mas o arquipélago ainda espera por um historiador que queira investigar e narrar essas histórias trágico-marítimas.

A mimese de naufrágios na literatura cabo-verdiana

No caso da literatura cabo-verdiana, verificámos que o imaginário construído à volta dos naufrágios e da relação homem/mar forma um tópico muito produtivo, e particularmente visível em espaços ficcionais como Santo Antão, por exemplo, enquanto cenários de manifestação de mentalidades e crenças. Estabeleceremos, aqui, um paralelo entre a relação homem/mar e as estiagens, enfatizando as estratégias locais de superar a fome e destacando o fenómeno *móia-móia* enquanto resposta divina ao clamor do povo faminto.

Vamos iniciar a nossa análise pela peça teatral de Jorge Martins, *Preço de um contrabando*, procurando de seguida, algumas intertextualidades. O mar bravo em “Preço de um Contrabando” é o motivo de toda a mágoa, tristeza e dor que assolam a família de Chóla pois, este levou-lhe o marido, deixando-a exposta à miséria e aos abusos do poder da época. O Lólita, personagem principal da peça, é contrabandista e opera, *nas noites secretas do contrabando*. Sofre um naufrágio e é socorrido por um vapor onde faz iniciação ao boxe (*N prende algun koza de bokse*) e volta para Santo Antão cheio de encomendas. Lólita não irá mais para o estrangeiro. Continuará a sua vida no mar de canal *sakód mon na kontrobond*.⁴ Em busca de intertextualidade, entendemos que Lólita é uma espécie de palimpsesto de Jonas, a personagem Bíblica - um dos profetas menores do Velho Testamento. Este sofreu um naufrágio e foi engolido por um

³Emanuel Charles d'Oliveira, *Cabo Verde na rota dos naufrágios*, Praia, EME, 2005. p. 131.

⁴ Com a mão apertada no contrabando.

grande peixe que o guardou três dias no seu ventre e depois o vomitou numa praia, na cidade de Nínive de onde estava a fugir, em desobediência a ordem de Deus. Em *Preço de um contrabando*, Chóla, achando que Lólita fora tragado por um peixe, também lamenta a morte deste *na butxe d'un tuboron*⁵. Mas, Lólita foi salvo do naufrágio do mar por um vapor grego que lhe empregou durante um ano, permitindo-lhe ganhar para salva a família da miséria.

Por isso, Girolid, também personagem de *Preço de um Contrabando*, reforça a imagem do mar que tem a gente da ilha de Santo Antão, dizendo que, se por um lado, ele tem sido a desgraça de muitos, porque muitas almas têm *fkód nesse kanal ta prokurá un aventura*⁶, por outro, ele tem sido a vida, a fortuna e a sobrevivência para as suas famílias. O próprio Lólita regressou de um naufrágio, quando todos achavam que estava morto, com um “ar de triunfo”, exibindo o seu traje todo vermelho e as encomendas que trouxe à família e aos amigos.

Pois, naufrágios levam vidas, mas também, trazem vida. Isto é o que veremos a seguir com a análise do conto *Os trabalhos e os dias* de Baltazar Lopes, publicado em 1987, na coletânea de contos do mesmo autor e que também traz como título *Os trabalhos e os dias*.

Neste conto, os homens encurvados sobre a sua enxada escutam vozes falando do encalhe: “Encalhou vapor aqui neste Sul (...) Encalhou na Praia Formosa, olha aí, ah! aquela mulher de lenço branco com sarraia à cabeça, não é, João Luís?” Uma lufa de esperança desponta no coração de homens cansados e famintos. O velhote não acredita. Interessa-lhe mais “concluir o trabalho antes das cinco”. Mas, a esperança em uma solução fácil para a sua miséria leva paulatinamente a força e a energia para trabalhar a terra. Lá, com muita insistência de nhô Manuel, conseguiram terminar o trabalho antes das seis. A descrença trocista de Delfim veio como uma machadada à esperança dos homens:

Delfim troçou particularmente de compadre João Luís. Pediu-lhe a proa do barco encalhado. Não que ele só queria a proa. O resto deixava ao compadre João Luís.

⁵ No estômago de um tubarão.

⁶ Ficado no canal na procura de uma aventura.

E que ia o compadre fazer com tanto dinheiro? Ah! Não se lembrava de que o compadre João Luís tinha um sócio; Antoninho de Lúcio também ouviu o vapor.⁷ Nhô Manuel Antoninho não poderia aceitar que Delfim brincasse com algo sério, sagrado. Zangou-se. Pois, “Verdade ou mentira João Luís e Antoninho de Lúcio tinham ouvido. Verdade ou mentira, podia ser uma esmola de Deus. Então, Delfim não sabia que Deus não escolhe os meios para mostrar a sua misericórdia? Só Deus é dono do seu juízo.”

A crença na graça e misericórdia de Deus inundou o coração de *nhô* Manuel: “Esmola de Deus, ouviste, João? Esmola de Deus. Eu é que te digo. Tu verás!” Os homens encontravam-se agora unidos na mesma fé e, à medida que aumentava o nível de entendimento entre eles, as ideias para um plano de ataque ao vapor iam florescendo, despontando, rapidamente. Desenhavam o caminho e consultavam *nhô* Feliciano, o vidente, para certificarem da veracidade da informação. Bom lembrar que, em termos de crença coletiva, nessa época em toda a ilha era Deus no céu e *nhô* Feliciano na terra. Ele tinha autoridade científica, conferida por um médico cuja esposa curara de uma doença estranha e de Deus que sempre lhe iluminava na escolha das ervas. Pois, não havia enfermidade ou mistério que *nhô* Feliciano não curasse ou desvendasse. Por isso, Severino afirma “Nhô Feliciano daria a informação certa. Se dissesse que tinha vapor encalhado, era jurar pela fé de Nossenhôr Jesus Cristo”. E como não cabe na cabeça do povo alguém jurar falsamente pela *fé em Nossenhôr Jesus Cristo*, a verdade da informação estaria mesmo selada, confirmada, carimbada. Porém, um enviado de Deus portador de boas novas, “aquele homem que ninguém conhecia e que do Tarrafal seguia viagem para a Ribeira das Patas em serviço da Regedoria, confirma. Tinha vapor encalhadona Praia Formosa. O vapor era americano. E era grande. E diz que já lá encontrou homens e mulheres quando passou pelo sítio. Notícia verídica. Confirmada. Os homens pegam a estrada.

No caminho, mais um desalento. O homem da Furna da Triste Fera informa: “guarda não deixa”. Porém, nada abala a fé dos homens e estes, determinados a prosseguir, minimizam a informação: “o compadre quer é ficar só”. Ou seja o que o homem não queria era dividir a bênção. Mas, mostrando generosidade,

⁷ O Trabalho e os Dias, 78.

nhô Manuel promete: "deixe estar que não havemos de comer tudo. Há-de dar para todos"⁸.

A fé destes homens na esmola enviada por Deus é gigante e inabalável. Ninguém os detém, o seu alvo é o milho e estão na disponibilidade de vencer tudo e todos para o alcançar.

Chegados à Canjana, avistaram o vaporinho de água que veio com o guarda da alfândega e três polícias. Confirmando a informação do velho da Furna da Triste Fera, o guarda, na majestade da lei obrigava os homens a restituir o milho que os tripulantes lhes tinham deixado apanhar: "é lei...eu sou agente da autoridade. Apreendo o milho."⁹ Os homens determinados, crente e firmes na bondade de Deus para com eles não podiam aceitar nenhuma intromissão contrária:

"O milho não era do guarda, o milho quem deu foi Nossenhôr. Esmola de Deus (...) Ó senhor guarda este milho não é do vapor... Se é, o senhor não tem poder sobre ele. Então vossemecê nunca ouviu que móia é do povo?"¹⁰

O guarda não tinha a mesma visão. Para ele, "móia é coisa antiga já acabou." Mas, nhô Manuel esclarece-o que não será jamais possível acabar com a móia, visto que esta é a revelação e o testemunho prático da misericórdia de Deus para com os seus. Ou seja, Deus e móia são a mesma entidade. Acabando móia, acabou Deus. Por isso, implacavelmente, defende: "Não acabou nada. Para acabar era preciso que também tivesse acabado Nosso Senhor Jesus Cristo, que deixou esta esmola ao povo."¹¹

O guarda despreza a crença e a determinação desses homens "O senhor não tem a ver com a móia. Vá andando velhote!"¹²

Mas, a sua ordem não é acatada. A tensão aumenta. A retórica religiosa ganha força.

"Não vou nada. Estou a defende o que eu e estes companheiros recebemos da misericórdia divina (...) Quem é que lhe deu estas ordens de tirar o sustento da

⁸ Idem pág. 82.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Idem pág.83.

¹² Ibidem.

boca dos coitadinhos? Quem? Quem? Fique vossemecê sabendo que Deus Nosso Senhor Jesus Cristo é que manda acima de todos os mandões do planeta terra”¹³
Porém, o guarda se dá por vencido com a capacidade de argumentação religiosa de Nhô Manuel e tenta, mais uma vez sem êxito, impor a sua autoridade: “Se não fosse por ser velho dava-lhe voz de prisão.”¹⁴

O velho mostra-lhe que não teme, nem aceita a voz de prisão, visto que a razão divina está do seu lado. “Ah! Agora é assim. Então um cristão defende a esmola que Deus lhe mandou e o seu lugar é a cadeia? Pois, dê então a voz de prisão. Eu sou surdo.”

Depois disso, os homens abandonaram as palavras e partiram para a ação. Atitude firme, enfraquecendo toda a tentativa de intimidação por parte do guarda ou quem quer que fosse. “Os homens dos Lajedos juntaram-se aos dois sacos de milho e todos se soldaram como um escudo à sombra do velho. Por um momento não se ouviu palavra, mas as caras estavam fechadas, numa resolução unânime.” É a união que faz uma força que alimentada por uma fé férrea não pode jamais ser vencida.

“Nhô Manuel: vocês vão levando o milho para a Triste Fera. Vamos embora (...) o guarda esboçou um gesto de puxar a pistola. Tire a mão dessa arma do diabo, desgraçado. Vossemecê nada pode fazer contra a justiça de nosso Senhor Jesus Cristo. Em silêncio todos foram com o milho para a Triste Fera. Sozinho, no lajedo, o guarda apitou ao vapor, para lhe trazerem o bote.”¹⁵

No final do conto, assistimos a um claro triunfo do bem sobre o mal, da justiça divina sobre a oposição diabólica que ganhou corpo na pessoa do guarda. Pois, o guarda aqui prefigura a encarnação do diabo para impedir os homens de se beneficiarem da “esmola de Deus” e, numa luta dialética entre o bem e o mal, debaixo de ameaças e resistências lá se foram os homens com dois sacos de milho, mostrando que fome não reconhece a lei dos homens e só obedece às leis divinas. Como não tomar posse de uma dádiva divina que lhes foi enviada por “Deus Nossenhör Jesus Cristo que manda acima de todos os mandões do planeta terra?”¹⁶

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

Assim, da análise deste conto, podemos concluir que a miséria, a fome, o sofrimento de uma forma geral, fazem desenvolver a dimensão espiritual do homem de Santo Antão, aumentar a sua fé, reforçar os laços de solidariedade e a determinação em vencer todos os flagelos, as intempéries e os obstáculos impostos à sua realização.

Como literatura oral, passou-se de geração em geração a história do vapor carregado de toneladas e toneladas de milho, vindo das Américas que encalhara na Praia Formosa, mais precisamente, na Canjana e que garantira a sobrevivência da grande maioria das famílias do Concelho de Porto Novo, em Santo Antão. Corria a mais dura fome do século XX, a de 40-47. De todos os cantos da ilha vieram famintos que estabeleceram residência na Praia Formosa e lá permaneceram até que o vapor foi totalmente esvaziado. Mergulhadores iam apanhar sacos de milho ardido no fundo do mar e, até estes foram consumidos.

Porém, não demorou muito para que a bênção se transformasse em maldição. O milho começou a arder e o povo não podia deixar de o consumir visto que a miséria, a carestia eram extrema. Esse milho ardido provocava infeções intestinais, inflamando a barriga e abreviando o processo de desfalecimento. Porém, isto sempre seria melhor que a morte lenta e agonizante, de estômago vazio. Se o comesse morria intoxicado e se o não comesse morria à fome, na penúria e na agonia. Assim, entre comer e morrer e não comer e morrer aos poucos, o povo preferiu a primeira opção. Comer e morrer mesmo. A lógica era: se correr o bicho pega e se ficar o bicho come, não havia saída possível para o povo da ilha.

Por isso, em *Os Flagelados do Vento Leste* de Manuel Lopes (1979), esta realidade fez com que o homem aprendesse a valorizar e supervalorizar, ainda mais, o seu torrão natal. O José da Cruz, na tentativa de exaltar o fruto da terra, profere o seguinte discurso: “comida de Deus não é milho do Sul, milhão amargoso dente-de-cavalo, mas este nosso milho-de-terra sabe, dado neste chão das ilhas. E trabalho de Deus é trabalho de enxada na raiz da planta.”¹⁷

Portanto, podemos afirmar que as representações coletivas desse navio encalhado na Canjana são antagónicas. O que foi benefício para os primeiros

¹⁷ Flagelados do Vento Leste pág: 145.

assaltantes, constitui-se em motivo de desgraça para aqueles que consumiram o milho podre, ardido, tempos depois do naufrágio.

Essa é a antiga lei da móia que chega até nós através da personagem Bodona do romance *Na Ribeira de Deus* de Teixeira de Sousa (1992). “Na móia é assim. Quem chega primeiro leva vantagem aos outros na apanha dos despojos. É o que acontece quando se parte a guita do papagaio no cutelo de Xaguete. Esta era a lei que aprendera em criança”¹⁸. Aliás, em matéria de móia, as personagens de *Na Ribeira de Deus* de Teixeira de Sousa são experientes. Rompe, por exemplo, ao longo da história compôs uma cantiguinha¹⁹ que clarifica a lei da móia:

*Vapor Geba já ’ncalhâ
La na baxa di Rui Prêra
Nha guentis nhos corre faci
Antis sucuro ficha.*

*Bila –baxo já corre
Bila-Riba bá di trás
Quem chigâ primero
Ê qui ganhâ batalha*

*ói, ói, ói
nha gaita papiador
si mi ’m câ ’mportâ
a el j’él fazê cosa.*²⁰

Na tradução portuguesa

*O vapor Geba já encalhou
Lá no baixo de Rui Pereira.
Minhas gentes venham já
Antes que se faça escuro.*

Vila-Baixa corre lesta,

¹⁸ Na Ribeira de Deus pág. 63.

¹⁹ Idem pág. 50.

²⁰ Ibidem.

*Vila Riba vem detrás.
Quem chegar primeiro,
Ganhará a batalha.*

*Ói, ói, ói,
Meu harmónio falador,
Se eu não me importar,
Ele (harmónio) não se calará.*

Esta cantiga é um chamamento, uma espécie de anúncio de que o vapor já encalhou. O Rompe ainda não conhece o conteúdo, mas sabe que a lei da móia serve em qualquer situação. Quem chega primeiro é que ganha a batalha, por isso o povo tem que correr se quiser levar a melhor parte.

Teixeira de Sousa em *Na Ribeira de Deus*, dá vida há um narrador que conta a história do navio *Geba* que encalhou na ilha do Fogo carregado de mercadorias:” trazia os porões atestados de mancarra e coconote, embarcados em Bissau, mais o café embarcado em São Filipe. O acontecimento desencadeou a esperança numa *móia* que deveria salvar o povo da carestia. Pois, a chuva caiara e o povo aguardava pelas colheitas, num tempo em que pouco havia para saciar a fome.

Porém, o paradigma foi quebrado pela presença de policiais na praia que dia e noite guardaram o navio para que este não fosse assaltado e saqueado por moradores locais.

“Diariamente, botes aproximavam-se do *Geba* sob o olhar do guarda-fiscal colocado em terra frente ao navio. Com o seu binóculo até conseguia ler os nomes dos botes e reconhecer as tripulações e os passageiros. Se alguém ousasse assaltar o sinistrado, esse alguém ficava logo registado.”²¹

Aquilo que deveria ser uma dádiva de Deus para beneficiar o povo estava sendo, cuidadosamente, guardado para o benefício pessoal do Senhor Caetano da Veiga que já solicitara empréstimo bancário para comprar o conteúdo do navio e revendê-lo aos moradores.

Vários dias se passaram sem que ninguém ousasse aproximar do navio, fugindo drasticamente à tradição. O facto era deveras incompreensível. Mas, os comunitários atentos, que desde o encalhe refletiam profundamente sobre os

²¹ Ibidem.

novos contornos que um acontecimento habitual tomara, decidiram organizar-se, pensar bem o assunto e desenhar um plano para fazer cumprir a normalidade das coisas.

Até nhô Sérvulo compareceu ao rebuliço do vapor encalhado. Falou com meia dúzia de pescadores e começou igualmente a preparar para o negócio a sua maneira. (...) Bodona garantiu-lhe que trepar para o convéns era muito fácil (...) Nem mesmo percebia por que razão, ninguém ainda ousara assaltar *Geba*, uma vez que o navio encalhado é móia e móia é para quem chegar primeiro.²²

Assim, os marinheiros prepararam-se e lançaram-se ao mar às altas horas da madrugada e começaram a debulhar o interior do navio e a saquear tudo quanto pudessem. Dias e dias na mesma operação. O produto dos assaltos era bem escondido, em sítios seguros.

“ (...) E, então, não veio só mancarra, vieram toalhas, lençóis, pratos, garfos, facas, panelas, uísque, cerveja, sabonetes. Até um relógio foi furtado e ensacado.”²³

Agora, sim! As coisas tinham sido feitas como se deve. Estariam perante um motivo digno de mais uma cantiguinha de Rompe²⁴:

Oh povo co canina
Nhôs bem colhê mancarra
Nhôs bem inchê bandoba
Nhôs bem inchê tagarra.

Fonti –Lexo sissim
Bila-Baxo sirbido
Chêa corrê pa mar
Nós no ficá Grilido.

Oh Bila-baxo sabi
Oh Fonte-Lexo can
Quem qu'ê sperto bafâ
Nós qu'ê pobre, pandan

²² Idem pág. 53.

²³ Idem pág. 56.

²⁴ Idem pág. 59.

Em versão portuguesa

Oh povo com fome (canina)

Venham todos colher amendoim,

Venham encher a barriga,

Venham encher a gamela.

Fonte-Lexo não tem nada

Vila-Baixa está servida,

A água corre para o mar,

Para nós não pinga nada.

Oh Vila-Baixa feliz,

Oh Fonte-Lexo vazia!

Quem é audaz, ganhou;

Quem é pobre ficou-se.

Apesar dos assaltos, a quantidade de mancarra não poderia ser totalmente saqueada por moradores usando botes às altas horas da noite num clima de medo e receio de serem descobertos e delatados.

A disputa pelo conteúdo do Geba deu-se no Banco Nacional Ultramarino (B. N. U.), entre Nhô Augusto de Vila-Riba e o senhor Caetano da Veiga, ambos com pedidos de empréstimo para a aquisição da mercadoria. Nessa disputa, apenas o último foi contemplado e, saiu a ganhar

A tramóia do roubo foi descoberta (...) “o conteúdo tinha sido violado. (...) a autoridade máxima da ilha recebeu uma queixa do comandante, tendo iniciado de imediato rigorosas buscas nas quatro freguesias.”²⁵ Tal facto revoltou tanto a população que outra coisa não fez que não fosse amaldiçoar o autor da operação maldita que desassossejava os moradores, pois arrebentavam as portas das casas e tudo o que impedisse a operação.

Entretanto, como a *justiça divina tarda, mas não falha*, no momento em que o senhor Caetano da Veiga festejava a consumação do melhor negócio da sua vida o armazém com o conteúdo do navio pegou fogo. As labaredas que deixavam a

²⁵ Idem pág. 57.

cidade sob um clarão jamais visto encheram o coração dos habitantes que se sentiram vingados da arrogância e ganância do senhor Caetano da Veiga.

A desgraça não poderia ser maior, as pragas do povo foram devidamente tidas em conta pelas autoridades celestiais, pois, a praga de um justo não cai no chão. Quem mandou o homem meter-se com as autoridades divinas? Onde já se viu transformar uma esmola que Deus mandou para o povo em propriedade pessoal, individual?

Mas, a desgraça não bateu apenas à porta do Senhor Caetano da Veiga. Os filhos da ilha também sofreram as consequências. As crianças começaram a procurar no meio das cinzas grãos de mancarra torrados e, ao invés destes, encontraram coconote, uma espécie de purgueira, substância oleaginosa e tóxica. Resultado: cinco dessas crianças morreram. A dor generalizou-se na ilha e suplantou as possibilidades de alegria daqueles que terão pilhado o navio e de alguma forma pudesse tirar algum benefício económico do naufrágio.

Portanto, o único caminho de felicidade traçado pelos naufrágios é o de móia-móia. Esmola de Deus que melhor beneficia os que chegam primeiro, mas onde toda a pobre criatura de Deus tem vez.

Em *Chiquinhode* Baltazar Lopes (1956) a representação social à volta do vapor é bastante positiva, significando sempre o prenúncio de vida e não da morte, no plano imaginário. Esta representação acaba por dissipar a de condutor da desgraça, da separação, do caminho longe, da terra longe que “*ten gente gentio e gente gentio ta kome gente*”²⁶, associada aos navios negreiros que capturam os escravos no continente, que como se não bastasse as agruras de uma viagem longa e sem meninas condições humanas, aos maus tratos, humilhações e açoites ao longo da viagem, eram obrigas a conviver com uma inospitalidade sem precedentes e a morrer de inanição, de fome violenta e radical, aos navios que levaram nossos antepassados para São Tomé durante os períodos de emigração forçada, ou, ainda aos navios corsários que, periodicamente, atacavam as ilhas, pilhando e incendiando tudo quanto encontravam pela frente.

Aqui, o navio povoa o imaginário infantil de tal forma que o seu brinquedo preferido é um navio feito de pau de purgueira. Representa a tábua de salvação

²⁶Em port.: Terra longe tem gentios e gentios comem gente.

que conduz os homens, chefes de família à terra promissora. Uma espécie de Canaã de onde provêm recursos capazes de anular os efeitos da seca, impedindo a fome e a conseqüente morte.

Ao mesmo tempo que quem consegue pegar um navio e seguir a rota da América é um felizardo que vê realizado o sonho de poder ajudar a família, a desgraça vem sorratamente assolando muitas famílias que vão perdendo seus entes queridos e o seu sustento nos naufrágios fatais que levam os homens do mar para o fundo do oceano.

Esta imagem dolorosa e cruel é amenizada pelo imaginário universal com o mito das sereias, mulheres lindas de cabelos ondulados e longos, amáveis, de coração doce, que nas profundezas do oceano armam casamentos com os marinheiros e cuidam deles com muito carinho. Este eufemismo da morte dos marinheiros tem o efeito bastante apaziguador da dor coletiva e, principalmente, da dor das crianças que, passando a acreditar piamente nele, têm menos motivos para sofrer e alimentar o luto e a saudade.

Tal realidade faz do homem do mar um herói. Morrer assim é morrer heroicamente, e ainda com a promessa de presente grande numa vida que se acredita ser eterna e brindada com um amor eterno de uma mulher cuja beleza não conhece sombra de variação.

Pois, ao contrário da Mamã velha que não pode dar voltas ao tempo, tendo este deixado as suas marcas na sua face através do sulco das rugas, a menina do mar não envelhece, não morre, e é depositária de um amor eterno. Então, o navio continua sendo, em última instância, fonte de bênção, até depois da morte.

Contudo, os homens da terra não tinham um amor assim para premiar a sua morte. Sete palmos debaixo da terra ressequida não tinham nada de semelhante nem parecido com a vida paradisíaca do fundo do oceano. Era o inferno na vida e o inferno na morte, escravizando o homem da enxada. Contrariamente ao homem da terra, o homem do mar em *Chiquinho* representava heroicidade na vida e recompensa na morte.

A confrontação da realidade, da história com a literatura, às vezes, leva a reflexões interessantes. Após a análise das obras podemos concluir que a abordagem realista dominante na literatura cabo-verdiana é uma constante que hoje nos permite compreender a mentalidade da época, nomeadamente do

século XIX e da primeira metade do século XX. E, enquanto o relato histórico oferece informação factual, a literatura pode explicar as motivações das pessoas resultantes dos valores, mentalidades, tradições ou experiências partilhadas.

Por outro lado, se existe *genius loci*, ou a magia de lugares, as ilhas são um lugar privilegiado, misterioso por excelência e como predestinado para histórias. Em consequência a insularidade constitui um capital de possíveis significados que podem ser utilizados na publicidade, no desporto ou no turismo.